

Evolução. Em 2003, eram 304 internas; em 2009, são 1.044

Número de mulheres presas aumenta 244% em seis anos

Cerca de 80% das detentas do Estado estão presas por envolvimento com o tráfico de drogas

DANIELA CARLA
dsouza@redgazeta.com.br

■ ■ O desespero de se ver desempregada e ainda ter de pagar as contas e criar os filhos podem estar levando cada vez mais mulheres a se envolver com o tráfico de drogas e, conseqüentemente, aos presídios do Estado. A população carcerária feminina triplicou nos últimos seis anos, passando de 304 internas em 2003, para 1044 em maio deste ano, um aumento de 244%.

A diretora de Ressocialização da Secretaria de Estado da Justiça (Sejus), Quesia da Cunha Oliveira, estima que cerca de 80% delas estão presas por envolvimento com o tráfico de drogas. "Diferente do homem, ela não costuma

abandonar a casa e os filhos e muitas vezes se vê desempregada e sem perspectiva".

Também é crescente o número de mulheres que perde a vida para a violência. Segundo dados da Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp) em 2005 as mulheres corresponderam a 4,9% do total de vítimas de homicídios. Em 2008 esse percentual quase dobrou: passou para 9,7%.

Já o crescimento da popula-

ção carcerária masculina foi de 88%, passando de 3.778 em 2003 para 7.106 em maio deste ano. Porém, elas recebem com mais facilidade a ressocialização.

"De forma geral, é mais fácil recuperar uma mulher do que um homem. Elas se preocupam mais em ser exemplo, em manter a família unida, não quer perder o vínculo com os filhos. A mulher é menos violenta e se arrepende mais rápido", aponta Quesia.

Cinquenta detentas da Penitenciária de Tucum e de Barra de São Francisco participaram ontem de uma conferência com representantes da Sejus. Elas deram sugestões sobre como melhorar a segurança pública.

Mais oportunidades de estudo, cursos profissionalizantes e trabalho foram os principais pedidos. As sugestões serão incluídas em um relatório que será apresentado na 1ª Conferência Nacional de Segurança Pública, que acontece em agosto, em Brasília.

FOTOS: CHICO GUEDES



“Quero um futuro melhor para meus cinco filhos. Sou um exemplo do que eles não devem fazer”

ALZIRA ÍNDIA BRASIL



“Hoje trabalho em uma gráfica, mas tenho um sonho que quero realizar. Quero abrir uma loja de roupas”

ANDRÉIA THOMAZ

“O tráfico não exige experiência, escolaridade, nem boa aparência. É um dinheiro relativamente fácil”

QUESIA DA CUNHA OLIVEIRA, DIRETORA DE RESSOCIALIZAÇÃO DA SEJUS

Maioria é levada para o crime pelos companheiros

Quase todas as detentas não se desligam da família e sonham com futuro longe dos presídios

■ ■ Maridos e namorados ligados ao crime podem levar mulheres a se envolver com perigoso mundo do crime. "Quase todas terminam por entrar no crime por influência da figura masculina", diz a diretora de Ressocialização da Secretaria de Estado da Justiça (Sejus), Quesia da Cunha Oliveira.

Foi o que aconteceu com o Andréia Thomaz, interna do presídio de Tucum, em Cariacica. Hoje ela tem 23 anos, mas aos 19 participou de um assalto que lhe custou a liberdade.

"Fui condenada a 24 anos por assalto. Acabei sendo influenciada por um namorado que estava comigo a apenas 28 dias. Uma pessoa acabou morrendo. Não matei ninguém, mas acabei pegando uma pena alta também", lamenta.

A família de Andréia recorreu, e a pena caiu para 20 anos. Pouco mais de 4 anos depois,

ela está cumprindo a pena em regime semi-aberto e deve sair nos próximos meses. "Hoje trabalho em uma gráfica, mas tenho um sonho que quero realizar. Quero abrir uma loja de roupas", conta.

Enquanto Andréia sonha em ter o próprio negócio, Maria Alzira Índia Brasil, que tem 37 anos, quer ser vendedora. Em 1997 ela foi condenada a 22 anos de prisão por ter participado de um homicídio. "Quero um futuro melhor para meus cinco filhos. Sou um exemplo do que eles não devem fazer", avalia.